



Manual de cocriação

Liderança dos jovens na gestão participativa das escolas



Cofinanciado pelo
Programa Erasmus+
da União Europeia



Referências: 612175-EPP-1-2019-1-PT-EPPKA3-IPI-SOC-IN

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um aval do seu conteúdo, que reflete unicamente o ponto de vista dos autores, e a Comissão não pode ser considerada responsável por eventuais utilizações que possam ser feitas com as informações nela contidas.



Conteúdo

1. INTRODUÇÃO	2
1.1. Conteúdos deste manual e como utilizá-los	2
2. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	4
2.1. Objetivos do projeto BePart	4
2.2. Contexto do BePart	4
3. CONCEITOS PRINCIPAIS POR TRÁS DA METODOLOGIA	5
3.1. Participação: em que consiste?	5
3.2. Em que consiste o modelo de participação dos jovens?	8
3.3. Liderança e capacitação dos jovens	9
3.4. Em que consiste a cocriação?	11
3.5. Aprendizagem com base em projetos: uma pedagogia prática, sensorial e mental	12
4. COMO ACOMPANHAR UM PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO INCLUSIVO?	14
4.1. Que atores estão envolvidos?	14
4.2. De que forma podem os professores utilizar as suas capacidades para agir enquanto facilitadores?	16
4.3. O que torna um espaço suficientemente seguro para a participação?	20
4.4. O que impede a participação real? Do que precisamos de estar cientes?	21
5. TESTE E IMPLEMENTAÇÃO	24
5.1. O processo de implementação: que passos?	24
5.2. Responsabilidades dos alunos e professores	32
5.3. Exemplo: como selecionar um modelo de participação dos jovens?	33
6. COMUNICAÇÃO E EVENTOS	38
6.1. Canais e ferramentas de comunicação para comunicar com o grupo-alvo	38
6.2. Eventos BePart	40
7. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO	42
7.1. Como monitorizar a segunda edição?	42
7.2. Modelo para orientar os professores na avaliação da implementação	43
8. BIBLIOGRAFIA	45

1. Introdução

1.1. Conteúdos deste manual e como utilizá-los

Bem-vindo! Este manual foi desenvolvido pela equipa por trás do projeto «BePart» — um projeto Erasmus+ que apoia os professores e os alunos de vários países europeus no desenvolvimento da participação dos jovens nas suas escolas. Neste documento — quer seja um professor ou um aluno — irá encontrar ferramentas e sugestões para implementar processos participativos reais e ser o protagonista da mudança!

De que ferramentas e sugestões estamos a falar? Apresentamos as secções que iremos abordar:

2

Abordagem metodológica

Nesta secção irá aprender sobre o projeto BePart e os seus objetivos.

3

Conceitos principais por trás da metodologia

Este capítulo dedica-se a explorar os principais elementos constitutivos da abordagem do BePart. Porque propomos estes processos específicos? Porque queremos centrá-los nos conceitos e práticas que irá encontrar nesta secção:

- Participação: participação real em contraste com a participação simbólica;
- Modelos de participação de jovens;
- Liderança e capacitação dos jovens;
- Cocriação entre alunos e entre alunos e professores;
- Aprendizagem com base em projetos: uma pedagogia prática, sensorial e mental.

4

Como acompanhar um processo de participação inclusivo?

O capítulo oferece sugestões e indicações úteis para facilitar um processo de participação que seja tão impactante e inclusivo quanto possível.

- De que forma estão os atores envolvidos numa escola?
- De que forma podem os professores utilizar as suas capacidades para agir enquanto facilitadores?
- O que torna um espaço suficientemente seguro para a participação?
- O que impede a participação real? Do que precisamos de estar cientes?



5

Teste e implementação

Aqui irá encontrar os indicadores para seleccionar, testar e implementar os Modelos de Participação de Jovens na escola.

- O processo de implementação: que passos?
- Responsabilidades dos alunos e professores
- Exemplo: como seleccionar um modelo de participação dos jovens?

6

Comunicação e eventos

Nesta secção, irá encontrar informação útil sobre os canais e ferramentas de comunicação do projeto.

- Canais e ferramentas de comunicação
- Eventos BePart

7

Monitorização e avaliação

Este capítulo irá ajudá-lo a avaliar a implementação do projeto e a monitorizar a segunda edição.

- Como monitorizar a segunda edição?
- Modelos

8

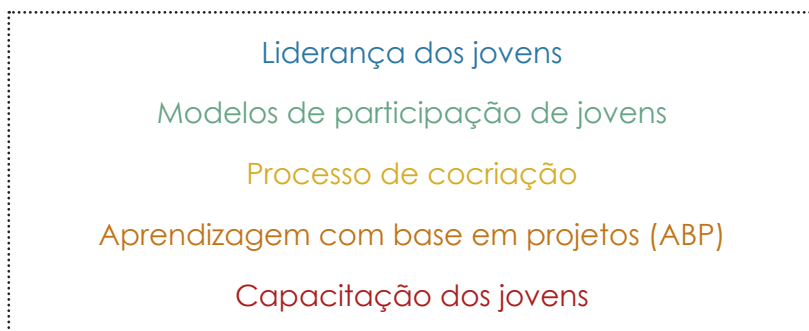
Bibliografia

Pretende aprofundar estes tópicos? Aqui irá encontrar várias fontes para continuar a ler e a investigar.

2. Abordagem metodológica

2.1. Objetivos do projeto BePart

O BePart tem por objetivo desenvolver, implementar e avaliar uma abordagem inovadora à participação dos jovens a ser implementada no ensino formal e pretende fomentar uma educação inclusiva ao promover competências de cidadania e a capacitação dos jovens. Assenta em cinco conceitos e metodologias principais que, combinadas, irão garantir a aquisição e o desenvolvimento das competências cívicas dos alunos:

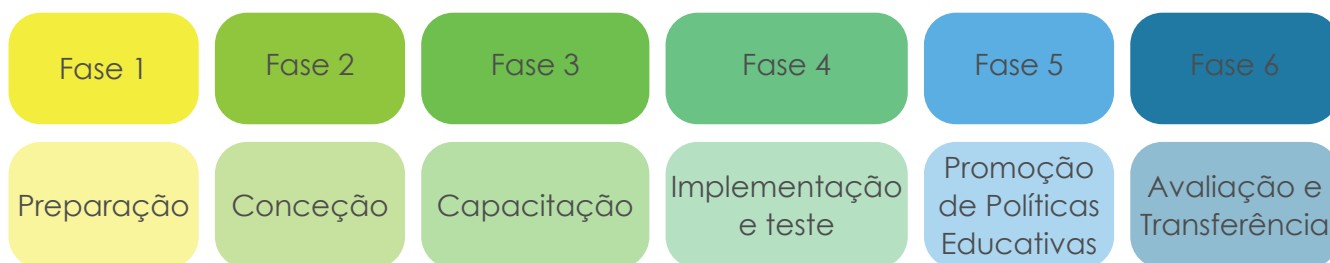


A abordagem à participação dos jovens deste projeto assenta no conceito da liderança dos jovens, o qual coloca os jovens no centro da sua própria mudança, desenvolvimento e crescimento. Ao desafiar os alunos a participar no processo de tomada de decisões na sua escola, estes irão adquirir e/ou desenvolver as suas competências cívicas, a sua capacitação e, finalmente, a sua inclusão social.

Com a implementação dos modelos de participação de jovens na sua escola, também irá contribuir para a aquisição, desenvolvimento e/ou fortalecimento das quatro competências principais que fazem parte da educação para a cidadania, nomeadamente, o pensamento crítico, a ação de forma socialmente responsável, a ação democrática e, também, a interação eficaz e construtiva com os outros.

2.2. Contexto do BePart

A metodologia do BePart baseia-se no processo de cocriação entre alunos e professores e consiste em seis fases sequenciais inter-relacionadas.



Nas primeiras quatro fases, os professores e os alunos desempenham um papel fundamental, uma vez que são convidados a participar na conceção, implementação, monitorização e avaliação do plano de ação dos modelos de participação de jovens nas suas escolas. Existirão dois ciclos de implementação dos modelos de participação de jovens (2020/2021 e 2021/2022).

3. Conceitos principais por trás da metodologia

3.1. Participação: em que consiste?

Participar

Do Latim *participāre*, de *pars* parte + *capere* tomar

tomar parte, estar ou passar a estar ativamente envolvido ou participar (em)



Em que consiste a participação (dos jovens)?

De forma simples, a participação é a ação de tomar parte em ou passar a estar ativamente envolvido ou passar a partilhar ativamente, mas a realidade da participação dos jovens é mais complexa. Na tentativa de definir adicionalmente a participação, e concretamente, a participação dos jovens, muitas definições baseiam-se nos seguintes conceitos:



Pelo que podemos definir a participação dos jovens como:

Participação dos jovens

Um processo onde os jovens, enquanto cidadãos ativos, participam, expressam as suas visões e assumem o poder de tomada de decisões sobre questões que os afetem.

Participação real vs. participação simbólica

Já reparou que muitas atividades ou processos que envolvem os jovens são considerados «participativos» embora não correspondam à definição acima?

A sobreutilização da palavra «participação» tem distorcido o seu significado e muitos eventos onde os jovens são chamados a fazer alguma coisa tendem a ser considerados «participativos». Por exemplo, um entrevistado do projeto BePart destacou que, na sua escola, os alunos participam numa corrida solidária: pagam uma inscrição e correm por uma causa. Isto é a participação dos jovens real?

Existem vários fatores inerentes à participação que irão ajudar-nos a distinguir a participação real da participação simbólica:

É UM PROCESSO

e não um evento único ou uma atividade ocasional; a participação implica o envolvimento sustentável dos jovens num processo de tomada de decisões.

RELACIONA-SE COM PODER

a participação na tomada de decisões envolve a partilha e a distribuição de poder das pessoas que controlam o processo para as pessoas que estão envolvidas, de adultos a jovens, de professores a alunos.

DEVE SER VINCULATIVA

a participação não se relaciona apenas com a consulta ou escuta da opinião dos jovens, é um processo de tomada de decisões com participantes sobre um assunto específico e o resultado do processo deve ser considerado, caso contrário, o processo não tem sentido.

OCORRE A VÁRIOS NÍVEIS

nas esferas individual, social e pública, de assuntos educativos a comités e conselhos escolares.

«A participação sem redistribuição de poder é um processo vazio e frustrante para aqueles que não têm poder», Arnstein, S. R. (1969)

Educar para participar

A maioria dos alunos e dos professores não está familiarizada com a participação. É essencial investir na construção de capacidades e na prontidão de jovens e adultos para trabalharem neste processo. Para iniciar a educação para a participação, existem três elementos principais a considerar:

Motivação: vontade de participar

Existem muitas razões que motivam a participação: interesses ideológicos subjetivos, satisfação de necessidades socioafetivas (relações, afeção, segurança, etc.), necessidade de comunicar e pertencer a um grupo, obter resultados que compreendam a utilidade da participação, o crescimento pessoal e a autorrealização. Saber o que move os participantes é importante para os envolver e acompanhar a sua evolução através da experiência participativa, enquanto avançam em direção a um compromisso social transformador.

? *O que o motiva a envolver-se num processo participativo? Em que consiste a motivação dos alunos para participar? Todos eles estão motivados? Como pode envolver os desmotivados?*

Formação: saber como participar

A participação requer o conhecimento e as capacidades necessárias para comunicar e se relacionar com os outros, para pensar e agir coletivamente e para permitir a si mesmo ser transformado. Este manual irá dar-lhe algumas sugestões sobre como participar e facilitar um processo participativo. Mas lembre-se: aprende a participar ao participar. Aprenda com os seus erros, celebre o seu sucesso e avance.



Os próprios professores não estão necessariamente familiarizados com a participação. Levar a facilitação para as reuniões de professores, ensiná-los o que representa e como a podem levar a partir daqui até as salas de aula. Têm de saber o que é ouvir um grupo e tomar decisões em conjunto. Os professores precisam de saber que aprender mais sobre a facilitação irá ajudá-los a ouvir o grupo, a melhorar os seus resultados e (porque não!) também melhorar o funcionamento das suas próprias dinâmicas entre professores.

Organização: poder participar

A participação implica a ação coletiva de um grupo de pessoas. Assim, requer estruturas que permitam e felicitem a comunicação, o debate, a tomada de decisões e a ação comum.

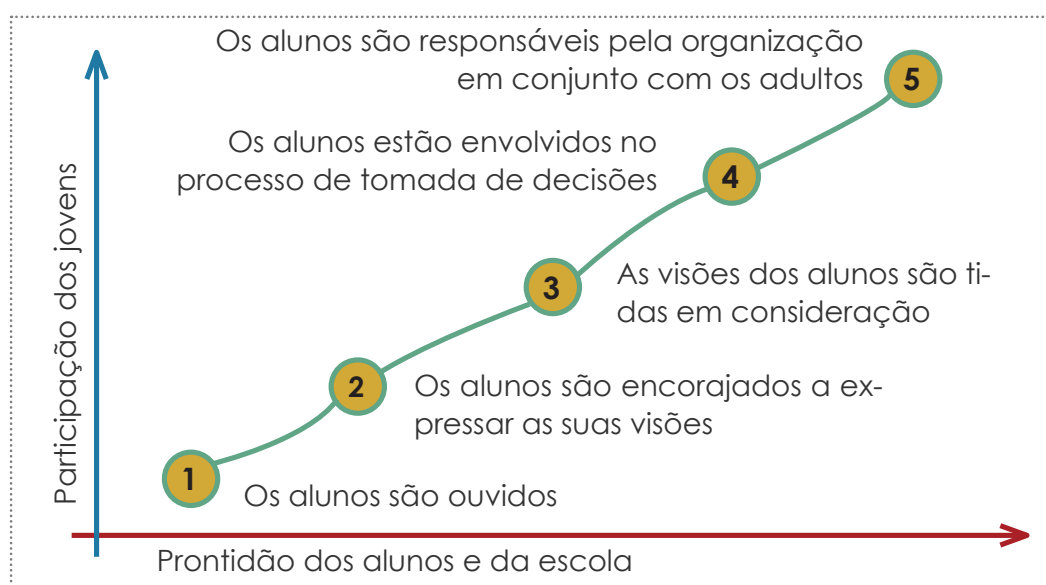


Que estruturas irão permitir aos alunos participar? Já considerou e concordou em criar um horário dentro do horário escolar para o processo participativo? Em que lugar irá ocorrer a participação? Se o momento e o local da participação estiverem apenas previstos fora do horário escolar, é menos provável que os alunos participem.

Participação na sua escola

Antes de planear qualquer processo participativo na sua escola, é necessário saber que os alunos estão envolvidos no mesmo. Também é importante saber se a sua escola, a respetiva equipa de gestão e os professores estão preparados, ou não, para uma participação real dos alunos.

Observe a seguinte tabela baseada no trabalho de Harry Shier (Chodasz A. e Cykowski P., 2013). Qual é a situação atual na sua escola? Está pronto para o próximo passo?



Esta visão geral irá ajudá-lo a saber onde se encontra atualmente para decidir onde pretende chegar e selecionar o modelo de participação de jovens que o irá ajudar nesta jornada coletiva.

3.2. Em que consiste o modelo de participação dos jovens?

O modelo da participação de jovens é um **enquadramento que guia o processo participativo** na conceção, implementação e avaliação das atividades diárias da escola. O enquadramento reforça a visão, a qualidade e o impacto da intervenção.

Os modelos de participação de jovens pretendem classificar práticas participativas. Focam-se em várias dimensões, como:

Tipologias e graus de participação dos jovens para identificar os jovens envolvidos na tomada de decisões ou em ações de mudança

Fatores contextuais, culturais, institucionais e práticos

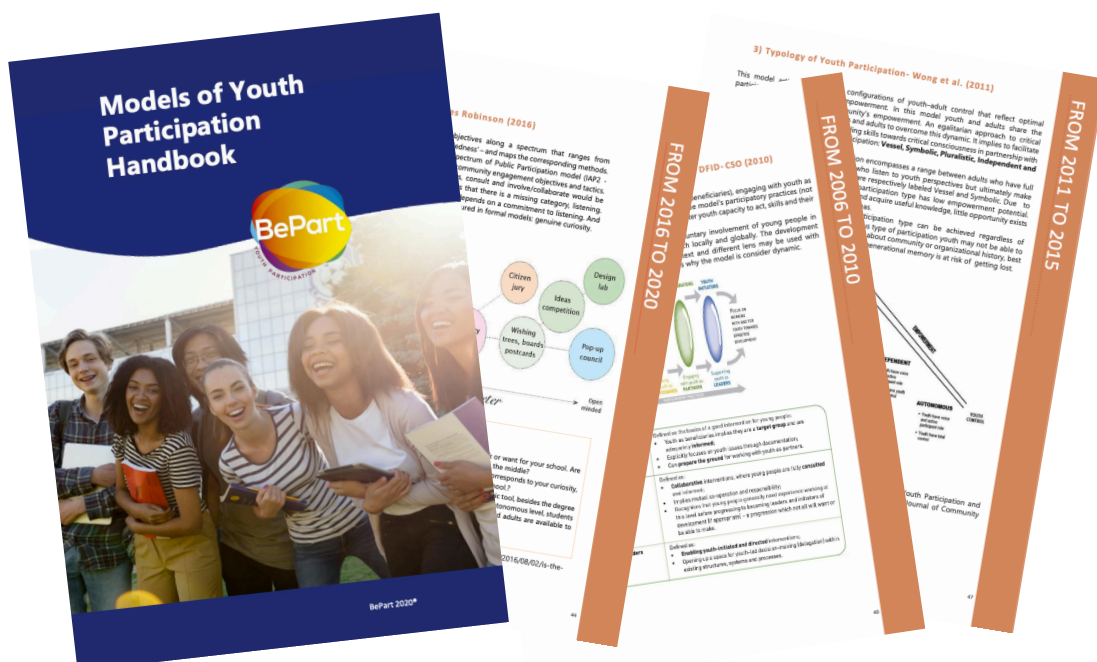
Os resultados do processo participativo em termos de capacitação dos jovens

Os adultos (professores ou outros adultos) e organizações (escolas ou outras instituições comunitárias) capacitam vários graus de compromisso.

Por que motivo precisam os professores de conhecer os modelos de participação de jovens e a forma como os mesmos seriam utilizados no âmbito do projeto BePart?

Para estabelecer a ponte entre a teoria e a prática, é importante escolher um enquadramento, isto é, um modelo de participação de jovens que ofereça respostas contínuas a um contexto, circunstâncias e alterações e às mudanças nas dinâmicas do poder relacional que podem evoluir nas atividades participativas.

No manual «Modelos de participação de jovens», irá encontrar mais informações sobre os modelos de participação de jovens e a descrição de um conjunto de 28 modelos de participação de jovens.



3.3. Liderança e capacitação dos jovens

A liderança e a capacitação dos jovens são conceitos fundamentais da metodologia do BePart.

Liderança dos jovens

é uma abordagem ao desenvolvimento impulsionada e orientada por jovens que se baseia na sua criatividade e nas suas capacidades para criar mudanças positivas que os valoriza como um bem para a sociedade.

Para desenvolver esta abordagem nas escolas, todos os agentes da educação devem ter consciência de que:

Os alunos são capazes de ver os seus próprios objetivos de desenvolvimento;

Os alunos participam ativamente na identificação dos problemas e oportunidades da escola;

Os alunos devem não só expressar as suas opiniões e ideias sobre como criar e implementar soluções para os problemas identificados, como também devem adotar uma posição e participar em todas as fases do processo de tomada e decisões; devem estar ativamente envolvidos e ter um impacto na avaliação das soluções implementadas;

A juventude precisa de um espaço social e físico para participar no desenvolvimento e ser regularmente consultada;

Os jovens devem agir enquanto modelos para ajudar outros jovens a se envolverem no desenvolvimento;

Os jovens devem ser integrados nos programas e quadros de desenvolvimento locais e nacionais;

A mentoria dos adultos e de pares é incentivada;

A liderança e a capacitação dos jovens são processos inter-relacionados.

Capacitação dos jovens

é um processo contínuo de aumento do poder pessoal, interpessoal ou político para agir de modo a melhorar situações da vida.

Os alunos, através da autocapacitação, podem aumentar o controlo pessoal, social, económico e político que têm sobre as suas vidas, participar democraticamente na vida escolar e, ao mesmo tempo, criar uma visão pessoal e crítica do ambiente escolar.

Qual é a relevância da liderança dos jovens e da capacitação dos jovens na participação?

A participação dos alunos na organização e gestão escolares tem impacto:

- ✓ Nos resultados da educação para a cidadania;
- ✓ Nas oportunidades dadas aos alunos para explorarem as suas forças intrínsecas através da participação na gestão escolar num ambiente que incentive a autonomia;
- ✓ No desenvolvimento de capacidades transversais essenciais, como a expressão de opiniões, a negociação, a resolução de conflitos, o pensamento crítico, a análise de informação, ter a coragem de defender um ponto de vista, o respeito e a tolerância e a vontade de ouvir e defender os outros;
- ✓ No desenvolvimento profissional dos professores;
- ✓ Na prevenção de conflitos entre os diferentes agentes escolares;
- ✓ Na prevenção e resolução dos problemas dos jovens (como comportamentos violentos ou *bullying*);
- ✓ Na abertura das escolas para fomentar a inclusão e a participação ativa dos alunos, particularmente dos alunos pertencentes a grupos económica e socialmente desfavorecidos;
- ✓ O reforço das ligações existentes entre a escola e o envolvimento na comunidade.

Sobre que assuntos irão os alunos decidir?

A tomada de decisões está relacionada com a gestão escolar, com decisões curriculares e pedagógicas e com a definição dos problemas da comunidade. Os alunos podem tomar decisões sobre vários aspetos, como:

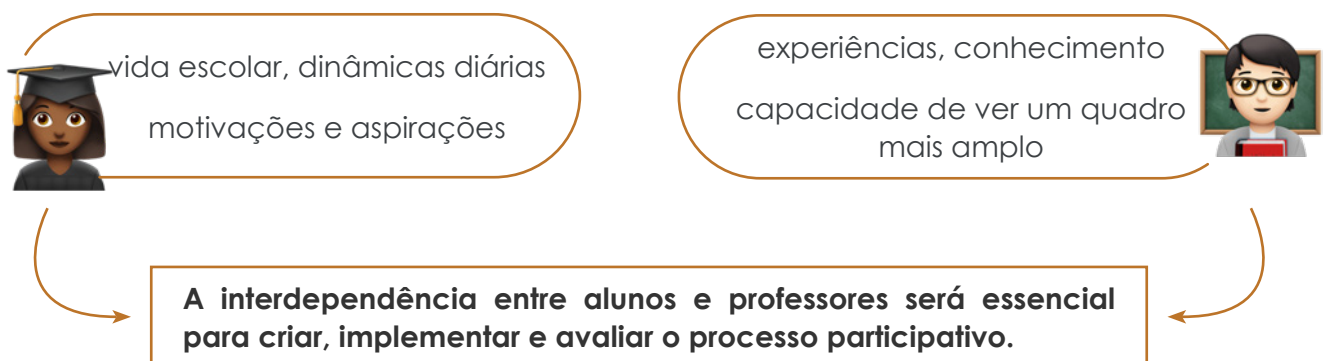


3.4. Em que consiste a cocriação?

O projeto BePart tem por objetivo desenvolver processos participativos nas escolas de quatro países europeus diferentes (Portugal, Espanha, Grécia e Letónia). Estes processos serão liderados pelos alunos e serão desenvolvidos graças à colaboração entre os professores e os alunos. Assim, esta colaboração é chamada de «cocriação» porque ambos os grupos estarão envolvidos num processo contínuo e dinâmico onde cada parte será capacitada para contribuir da melhor forma possível.

Um livro branco escrito por Platoniq, Senabre, E. (2015), define cocriação como «um método eficaz para imaginar, selecionar e executar soluções para problemas ou oportunidades em vários contextos. Enquanto técnica, (...) requer (...) foco numa parte significativa do processo de cocriação ao identificar e modelar uma conceitualização consensual de quem, individualmente ou coletivamente, serão os destinatários ou participantes de qualquer solução específica ou desenvolvida coletivamente». Adicionalmente: «através da utilização de diferentes princípios, métodos e soluções, (a cocriação) criou-se a partir da necessidade de colocar o utilizador ou o cliente no centro do processo de criação de valor, enquanto fonte prática e ativa de conhecimento, motivação e criação. (...) A cocriação pode ser compreendida como uma forma de ativar e canalizar processos criativos, especialmente enquanto ferramenta que permite cada vez mais a identificação e a geração colaborativas de produtos, serviços e até de aprender dinâmicas ou incubar projetos.»

A cocriação dos processos participativos entre alunos e professores no BePart, então, será um processo baseado na relação e na interação entre diferentes perspetivas, valores, experiências e conhecimentos especializados. **Este esforço colaborativo só será possível se todas as partes contribuírem não apenas para a implementação dos projetos, mas, mais importante, se todos os atores puderem modelar a definição do problema, das atividades e dos resultados.** Nenhum ator tem o poder de resolver todos os problemas. Por um lado, as informações que os alunos têm sobre a sua vida escolar, dinâmicas diárias, motivações e aspirações são um pilar central do processo participativo que o BePart irá desenvolver. Certificar-se que participam no processo de tomada de decisões e que são ouvidos e incluídos é fundamental. Por outro lado, os professores ocupam a melhor posição para poderem acompanhar este processo graças às suas experiências, conhecimentos e à sua capacidade de ver um quadro mais amplo.

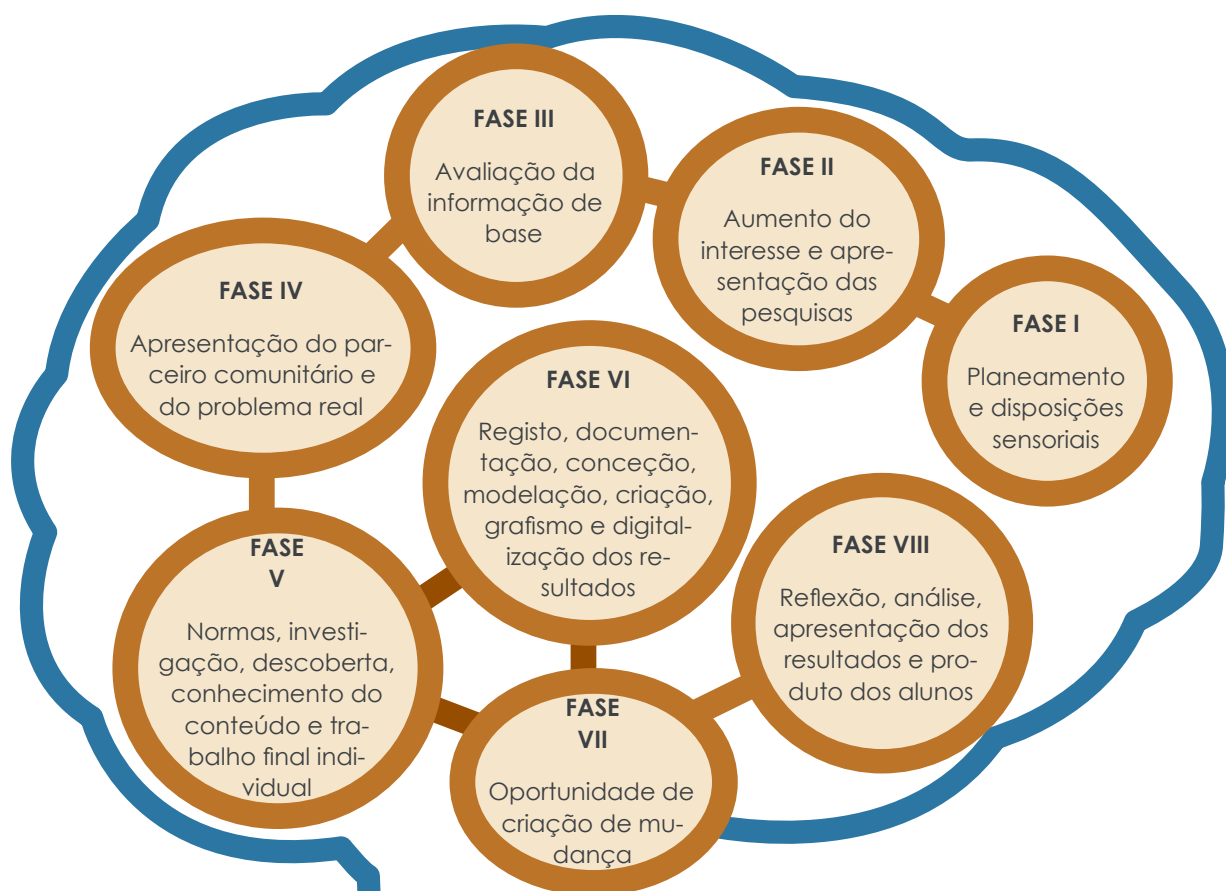


A cocriação no âmbito do projeto BePart significa criar planos de ação, procedimentos de avaliação, processos de envolvimento de uma comunidade estudantil maior, etc., em conjunto. Isto só será possível (conforme explorado nas secções abaixo), se as partes envolvidas (alunos e professores) tiverem um conhecimento e consciência profundos do poder que cada um deles detém e se todos os participantes desempenharem com clareza as suas funções e responsabilidades.

3.5. Aprendizagem com base em projetos: uma pedagogia prática, sensorial e mental

«A verdadeira aprendizagem baseia-se na descoberta e não na transmissão de conhecimento». John Dewey

A **aprendizagem com base em projetos (ABP)** é um método de ensino no qual os alunos adquirem conhecimentos e capacidades ao trabalharem durante um certo período para investigar e responderem a uma questão, problema ou desafio autêntico, envolvente e complexo. A ideia central da aprendizagem com base em projetos é que os **problemas reais** captam o interesse dos alunos e geram um pensamento importante, enquanto os alunos adquirem e aplicam novos conhecimentos num contexto de resolução de problemas.



A **importância** da criatividade e da inovação nas escolas é apoiada pela investigação e pelos textos de indivíduos como Daniel Pink e Sir Ken Robinson. Para destacar alguns dos resultados das investigações, os alunos que trabalham com este método mostraram grandes capacidades de pesquisa, matemáticas e de vocabulário científico, um pensamento crítico, persistência, criatividade e uma grande compreensão de leituras de não ficção. A ABP desenvolve intencionalmente as capacidades de resolução de problemas e de criação de produtos dos alunos para comunicarem uma compreensão aprofundada dos conceitos principais e um domínio das **capacidades de aprendizagem essenciais do século XXI**, como o pensamento crítico. Os alunos tornam-se investigadores ativos e assessores da sua própria aprendizagem quando os professores os orientam a sua aprendizagem, de modo a que eles aprendam com os processos de criação de projetos.

Envolve naturalmente o desenvolvimento e a demonstração dos **quatro C** da aprendizagem moderna por parte dos alunos: Capacidade de pensamento crítico e resolução de problemas, Criatividade e imaginação, Colaboração e Comunicação.

O professor desempenha o papel de facilitador ao trabalhar com os alunos sobre questões pertinentes ou essenciais, na estruturação de tarefas significativas, orienta tanto o desenvolvimento de conhecimento e de competências sociais e avalia cuidadosamente o que os alunos aprenderam com a experiência, «aprender ao fazer».

Os projetos normais apresentam um problema para resolver («Qual é a melhor forma de reduzir a poluição do lago do pátio da escola? Como podemos ajudar as pessoas mais velhas da nossa vizinhança? Há alguma forma de persuadir os políticos locais a começar a reciclar?») ou um fenómeno para investigar («O que gera indiferença nos cidadãos? O que gera negatividade nos meios de comunicação?»). A ABP substitui outros modelos de instrução tradicionais, como palestras, atividades com o livro de texto/livro de exercícios e pesquisas, como o método de ensino preferencial dos principais tópicos do programa curricular.

Trata-se de um quadro de instrução que permite aos professores **facilitarem e avaliarem conhecimentos aprofundados** em vez de apenas partilharem informação factual.

A aprendizagem abrangente com base em projetos

- ✓ organiza-se em torno de questões abertas ou desafios impulsionadores;
- ✓ cria a necessidade de conhecer conteúdos e capacidades essenciais;
- ✓ requer a pesquisa para aprender e/ou criar algo;
- ✓ requer capacidades de pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e várias formas de comunicação, frequentemente conhecidas como capacidades do século XXI;
- ✓ dá, em certa medida, voz e a opção de escolha aos alunos;
- ✓ inclui *feedback* e revisão;
- ✓ resulta em produtos ou resultados apresentados em público.

O PROJETO

Pode ser feito de forma independente

É sobre o produto

É dirigido aos professores

Todos os projetos têm o mesmo objetivo

Os produtos são enviados ao professor

Falta de relevância do mundo real

Ocorre após a aprendizagem «real»

A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

Requer colaboração e a orientação dos professores

É sobre o processo

É dirigida aos alunos

Os alunos fazem escolhas que determinam os resultados

Os produtos são apresentados a uma audiência autêntica

Baseia-se em experiências ou problemas reais

A aprendizagem real ocorre através do projeto

4. Como acompanhar um processo de participação inclusivo?

4.1. Que atores estão envolvidos?

Os alunos e os professores são protagonistas destes processos participativos, mas existem mais atores em cena que devem ser considerados.

De um modo geral, o sistema educativo e, conseqüentemente, as escolas possuem uma estrutura hierárquica. Isto significa que a predisposição para a inovação e a participação dos jovens de alguns atores é necessária para definir os espaços na gestão escolar onde os alunos poderão participar e tomar decisões.

Adicionalmente, envolver alguns destes atores no processo ao pedir-lhes apoio pode tornar o processo mais participativo e sustentável ao longo do tempo.

Estes atores poderão variar de acordo com a localização e as características da escola. Em termos gerais, identificamos os seguintes:

ALUNOS

Conselho estudantil | Representantes de alunos | Representantes de turmas

Os alunos participam diretamente ou ao aderirem a uma das estruturas escolares (associações de alunos, comissões de sustentabilidade, solidariedade, entre outros).

O conselho estudantil trabalha com o diretor, com a associação de professores, com a associação de pais e com outras instituições de ensino para oferecer sugestões para promover e resolver problemas relacionados com os alunos e com a melhoria das suas condições.

Os representantes de alunos e de turmas encontram-se regularmente com a equipa de gestão escolar para receber as exigências ou pedidos das turmas ou para debater o funcionamento e gestão da escola.

PROFESSORES

Departamentos curriculares

Os professores estão organizados em grupos de trabalho (nível, área, projetos) e facilitam a participação. Os departamentos curriculares definem as instruções para um melhor funcionamento da escola.

DIRETOR | EQUIPA DE DIREÇÃO

O diretor lida com as questões relativas à compreensão e ao tratamento dos processos administrativos e ao tratamento de questões oficiais e administrativas (organização, coordenação, administração, reforma e atualização).

CONSELHO GERAL

O conselho geral é o órgão diretivo da escola com representantes de toda a comunidade educativa.

CONSELHO PEDAGÓGICO | COORDENAÇÃO

Os coordenadores oferecem apoio científico e pedagógico às unidades escolares, apoiam a implementação do programa curricular e a implementação de inovações pedagógicas nas estruturas educativas e organizam reuniões formativas e informativas com os professores.

FAMÍLIAS

Associação de pais

As famílias participam consistentemente em muitas decisões. Existem algumas atividades realizadas pelos pais e atividades cuja permissão é dada pelos pais.

As associações de pais pretendem cooperar com as escolas para contribuir para um melhor desenvolvimento e um melhor ensino para os alunos.

ATORES LOCAIS E NACIONAIS:

Conselho municipal de educação | Assembleia municipal Diretor de educação | Ministro da educação

O conselho municipal de educação ou a assembleia municipal ocupam-se das infraestruturas e do financiamento escolares.

O diretor de educação possui a responsabilidade geral de administrar e controlar o funcionamento das unidades escolares na sua área de responsabilidade, fornece instruções aos diretores das escolas em relação à administração e ao funcionamento da escola e adere a iniciativas de ações inovadoras e de utilização de novas tecnologias no ensino.

O ministro da educação legisla o funcionamento das escolas (programas curriculares, tarefas aos professores, exames, etc.).

ATORES EXTERNOS:

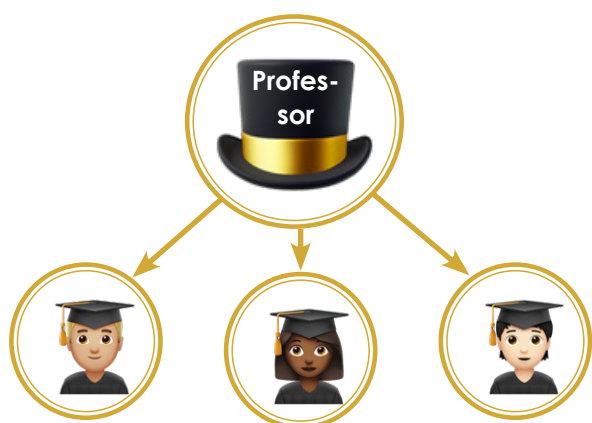
Especialistas externos que participam em projetos específicos

? Que atores identificou na sua escola? Pode enumerá-los e refletir na forma como estão envolvidos na gestão escolar? Têm conhecimento dos processos participativos do BePart? De que forma irá envolvê-los?

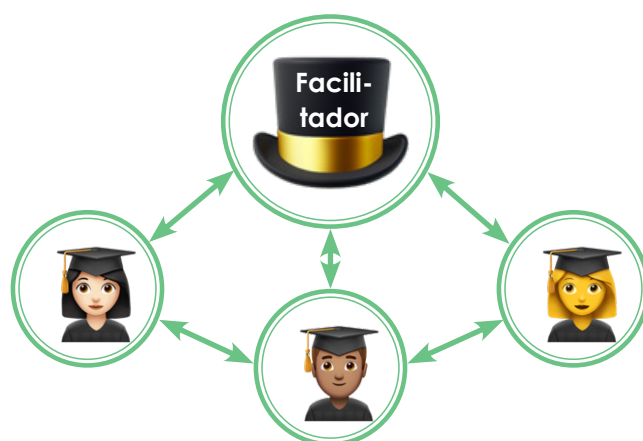
4.2. De que forma podem os professores utilizar as suas capacidades para agir enquanto facilitadores?

Acompanhar os alunos num processo participativo é uma grande oportunidade que permite o surgimento da expressão criativa e de energias! Como professor, é provável que tenha muita experiência no trabalho com os jovens e provavelmente terá os seus próprios métodos e práticas para os desenvolver. O projeto BePart pretende ajudá-lo a tirar o máximo partido da sua vasta experiência, apoiando-o enquanto tenta uma nova abordagem. Um dos principais desafios é que acompanhe estes processos a partir de uma perspetiva diferente: como facilitador e não como professor. O que significa isto?

Numa abordagem escolar tradicional, os professores estão habituados a partilhar conhecimento com os seus alunos, a definir regras aplicáveis à sua educação e a ensiná-los através de aulas e avaliações. No contexto deste projeto, poderá querer adaptar a sua função ao capacitar os alunos a criarem os seus próprios processos e projetos. Se já baseia as suas aulas em métodos participativos, excelente! É exatamente isso que aborda este processo. Se ainda não teve a oportunidade de colocar isto em prática, **uma mudança de mentalidade e atitude poderá ajudar grandemente: esquecer a função tradicional do professor e assumir a função de facilitador, ou seja, abdicar de algum controlo sobre o conteúdo e as atividades cooperando com os alunos em vez de os dirigir** e ajudando-os a resolver os seus problemas ao sugerir ferramentas em vez de lhes oferecer respostas já prontas.



Disseminação unidirecional e tradicional de conhecimento através do professor



Acompanhar e modelar um processo de aprendizagem em conjunto

O que pode fazer em **termos práticos**?

- ✓ Criar um espaço físico e psicológico onde os alunos se podem reunir e assumir o comando;
- ✓ Ajudar o grupo a distribuir responsabilidades e tarefas, valorizando competências e forças já adquiridas;
- ✓ Apoiar os alunos na criação de agendas para as suas reuniões e na preparação dos materiais necessários;
- ✓ Perguntar aos participantes de quanto tempo precisam em vez de lhes atribuir prazos para a realização de tarefas;
- ✓ Oferecer aos alunos leituras e materiais adicionais para lhes permitir realizar os seus próprios processos;

- ✓ Se algo não funcionar ou se não souber alguma coisa, esteja preparado para o admitir e incentivar os alunos a partilharem as suas perspetivas. Um facilitador apoia o grupo na descoberta das suas próprias respostas!
- ✓ Incentive a participação de todos durante e entre as sessões.

O que pode fazer em termos de **comportamentos e atitudes**?

- ✓ Abstenha-se de decidir e, em vez disso, facilite o diálogo e a tomada de decisões entre os alunos;
- ✓ Seja totalmente transparente em relação à função que desempenha;
- ✓ Esteja disponível para ajudar e oferecer *feedback*, se pedido pelos seus alunos, em vez de os «repreender»;
- ✓ Dirija-se aos seus alunos enquanto indivíduos capazes que assumem responsabilidades e iniciativas;
- ✓ Ouça o grupo com empatia e seja recetivo ao *feedback* que eles lhe possam oferecer em resposta às suas sugestões;
- ✓ Posicione-se como alguém que vê os alunos como os maiores especialistas das suas próprias experiências e necessidades, ainda que tenha mais experiência e que possa estar tentado a apresentar soluções que acredita funcionarem melhor;
- ✓ Fortaleça a sua capacidade de observar e reagir às dinâmicas de grupo;
- ✓ Prepare-se para se surpreender! Soluções criativas e novas ideias irão certamente surgir com este processo, se permitir que os jovens possam ter um impacto real e uma palavra a dizer sobre os assuntos que lhes são importantes;
- ✓ Ligue o seu radar para quando acontecerem momentos emocionalmente intensos: tem a capacidade de acompanhar os alunos e fazê-los sentir que não estão sozinhos;
- ✓ Aprenda mais sobre a forma como o poder influencia a dinâmica dos grupos. A participação depende grandemente da autoconfiança para falar e ser visto. Os alunos com experiências de marginalização (devido à sua identidade, antecedentes ou estatuto social na turma) poderão precisar especialmente do seu apoio;
- ✓ Tente lembrar-se do mantra da facilitação de grupos: «uma pessoa representa mais do que uma função e uma função representa mais do que uma pessoa». Imagens cristalizadas sobre a forma como um indivíduo se comporta num grupo, podem ser profecias que se irão efetivamente cumprir: dê espaço aos alunos para que experienciem as suas contribuições de forma diferente do habitual e para que desempenhem funções diferentes em momentos diferentes.



Se você quiser saber mais sobre isso, verifique “*Manual for facilitators in non-formal education involved in preparing and delivering the programme of study sessions at European Youth Centres*”

Técnicas para uma facilitação de sucesso

No manual «Manual for facilitators in non-formal education involved in preparing and delivering the programme of study sessions at European Youth Centres» (Manual para facilitadores da educação não-formal envolvidos na preparação e entrega das sessões de estudo do programa em centros europeus para jovens) são dadas algumas sugestões interessantes sobre como facilitar uma sessão de grupo. Abaixo está um excerto do manual:

PARÁFRASE

é uma capacidade de escuta fundamental. É a base de muitas outras capacidades de escuta facilitadoras, como a repetição, aproximando as pessoas e criando espaços para se expressarem.

Como: use as suas próprias palavras para dizer o que acha que o seu interlocutor disse.

RECOLHER IDEIAS

para ajudar um grupo a construir uma lista de ideias rapidamente, o objetivo é recolher ideias, não debatê-las.

Como: a recolha de ideias eficaz começa com uma descrição concisa da tarefa (por exemplo, «Nos próximos 10 minutos, avaliem os prós e os contras. Primeiro, vou pedir alguém que indique um ponto a favor. Em seguida, vou pedir a alguém que indique um ponto contra, etc. Iremos construir ambas as listas ao mesmo tempo.»).

INCENTIVAR

é a arte de criar oportunidades para que as pessoas participem sem colocar ninguém em destaque.

Como: «Mais alguém tem uma ideia?» «Mais alguém tem questões sobre este debate?» «Vamos ouvir alguém que não tenha falado há algum tempo.», etc.

REPETIÇÃO

captura as palavras exatas das pessoas. É uma versão ligeiramente mais formal da paráfrase, na qual o facilitador repete as palavras exatas do interlocutor.

Como: se o interlocutor disser uma frase, repita exatamente essa frase. Se o interlocutor disser mais do que uma frase, repita palavras/frases chave.

LEVAR AS PESSOAS A EXPRESSAREM-SE

é uma forma de apoiar as pessoas a darem o passo seguinte na clarificação e refinamento das suas ideias. Permite o interlocutor compreender que está com ele e que o compreende até então. «Conta-me mais!»

Como: parafraseie a declaração do interlocutor e coloque-lhe perguntas não diretivas de resposta aberta: «Podes dizer-me algo mais sobre isso?» ou «O que queres dizer com...?».

CRIAR ESPAÇOS

envia às pessoas mais reservadas a seguinte mensagem: «Se não quiseres falar, tudo bem. Mas se quiseres, tens essa oportunidade».

Como: observe os membros mais reservados. Observe a linguagem corporal ou expressões faciais que possam indicar vontade de falar. Convide-os: «Pensaste em alguma coisa que queiras partilhar?».

EMPILHAR

é um procedimento para ajudar as pessoas a falar à vez quando várias pessoas querem intervir ao mesmo tempo.

Como: este é um processo de quatro etapas. Primeiro, o facilitador pede a todos os que querem participar para levantarem as mãos. Em seguida, o facilitador cria uma ordem de intervenção ao atribuir um número a cada pessoa. A seguir, o facilitador chama a pessoa quando for a sua vez de falar. Depois, quando a última pessoa tiver falado, o facilitador verifica se mais alguém pretende intervir. Em caso afirmativo, o facilitador volta a fazer uma ronda. Por exemplo: 1) «Quem pretender intervir pode, por favor, levantar a mão?», 2) «Ana, tu és a primeira. João, tu és o segundo. Natacha, tu és a terceira.», 3) (Quando a Ana terminar) «Quem é o segundo interveniente? És tu João? Podes avançar.», 4) (Quando a última pessoa tiver falado) «Mais alguém quer acrescentar alguma coisa?».

SILÊNCIO INTENCIONAL

é muito subestimado. Consiste numa pausa, que dura normalmente apenas alguns segundos, para permitir ao interlocutor um breve «tempo de silêncio adicional» para descobrir o que pretende dizer.

Como: através do contacto visual e da linguagem corporal, concentre-se no interlocutor. Não diga nada, nem mesmo «hum». Esteja tranquilo e preste atenção.

EQUILÍBRIO

desfaz o mito comum de que «quem cala consente». Ao aplicá-lo, oferece ajuda bem-vinda aos indivíduos que não se sentem suficientemente seguros para expressar os seus pontos de vista por acharem que estão em posição minoritária.

REGISTO

significa registar várias linhas de pensamento que estejam a ocorrer simultaneamente num único debate.

Como: este processo compreende três passos. Primeiro, o facilitador indica que se vai abster da conversa e vai resumir-la. Em seguida, indica os vários assuntos que foram abordados. Finalmente, verifica a respetiva exatidão com o grupo. 1) «Parece que existem três assuntos a serem discutidos neste momento. Quero certificar-me de que os registos.», 2) «Pareceu-me que um dos assuntos é sobre métodos e metodologias. Outro é sobre finanças. E o terceiro é sobre o programa educativo da atividade.», 3) «Estou certo?».

ESCUITA

na tentativa de chegar a um consenso, serve para resolver desacordos.

Como: primeiro, indique ao grupo que vai resumir as diferenças e semelhanças do grupo. Em segundo lugar, resuma as diferenças. Em terceiro lugar, procure áreas de consenso. Finalmente, verifique a exatidão das suas descobertas.

Como: «Agora que conhecemos a opinião de três pessoas, alguém tem uma opinião diferente?», «Há outras formas de ver esta questão?», «O que é que os outros acham?», «Todos concordam com esta opinião?».

4.3. O que torna um espaço suficientemente seguro para a participação?

Para que os alunos aprendam, participem ou contribuam no máximo das suas possibilidades, precisam de sentir que lhes é oferecido um local seguro para o fazerem. Mas o que significa «segurança»? Ao apoiarmos processos de participação, somos muitas vezes confrontados com a responsabilidade e o objetivo de criar espaços e dinâmicas onde os participantes se podem sentir suficientemente seguros para participar, onde não existe perigo ou opressão e onde todas as várias vozes podem ser ouvidas. Neste sentido, os alunos devem sentir-se confortáveis, mas conforto não significa ser passivo em relação à aprendizagem ou não sair da sua zona de conforto.

A necessidade de se sentir em segurança, confortável e bem-vindo num grupo é provavelmente uma experiência humana generalizada. Contudo, a segurança não é um conceito neutro e falar de «espaços seguros» é provavelmente algo muito subjetivo. A segurança é um conceito que varia culturalmente, espacialmente e temporalmente, é produzida pela sociedade e depende do contexto.

A medida em que cada pessoa sente que pode pertencer a um grupo e participar ativamente nele pode ser interpretada de acordo com vários fatores. A sensação (e as realidades) de poder (ou de falta dele) e a sensação de segurança são dois fatores fundamentais a ter em consideração. Sentir-se capaz ou legítimo para expressar opiniões, mostrar emoções ou vulnerabilidade, contar a sua história, juntar a autoestima necessária para reunir a coragem e falar ou simplesmente não se sentir em perigo nem sempre são dados adquiridos para todos. A relação entre poder e segurança, neste sentido, pode estar relacionada com a opinião que tem sobre si mesmo, com as opiniões que outras pessoas formulam sobre si, com a opressão interior, com a capacidade de se expressar no idioma falado pela maioria das pessoas na sala, com a sua capacidade física de participar sem qualquer tipo de apoio específico, com o acesso a recursos para se ausentar de responsabilidades remuneradas ou não remuneradas, com o facto de não se sentir dominado por pertencer a uma minoria e muito mais.

Explorar as relações de poder e segurança nos grupos pode ajudar-nos a fundamentar a nossa facilitação no conhecimento de sistemas de operação que podem estar ativos a qualquer momento entre os participantes, mas também em relação a dinâmicas de poder mais abrangentes.

A forma como referimos a «segurança» neste manual, então, envolve:

NÃO SER PREJUDICADO

referindo, com isto, o cuidado para com a saúde mental e bem-estar de cada participante enquanto colaboradores de um grupo. É necessário reconhecer e eliminar preconceitos e práticas de exclusão e para permitir uma maior participação e um espaço (mais) seguro para os participantes mais vulneráveis.

ACESSIBILIDADE

no sentido de tornar os espaços onde ocorre o processo participativo livres de barreiras materiais e imateriais. Isto pode estar relacionado com a criação de disposições para pessoas com diversidade funcional ou com tornar os processos mais participativos fora da interação presencial.

AUTO-ORGANIZAÇÃO

quando os participantes/alunos tomam iniciativa para desenvolver as suas próprias dinâmicas e objetivos fora dos parâmetros definidos pelos facilitadores/professores quando conseguem reformular um projeto ou um espaço de modo a que se adeque às suas necessidades.

4.4. O que impede a participação real? Do que precisamos de estar cientes?

Pode recordar-se, pelas secções anteriores, das diferenças entre participação simbólica e participação real e em como a última (nos seus vários níveis e camadas) pode ser desafiante para as escolas e professores, ao nível do envolvimento e do apoio. Isto deve-se a um grande número de questões que vão desde a falta de experiência com a liderança de processos por parte dos alunos à forma de funcionamento do poder no sistema escolar e na sala de aula, às definições práticas de horários, à frequentemente excessiva carga de trabalho que os professores têm de assumir com um orçamento bastante limitado.

A secção seguinte esboça algumas das questões que poderão precisar de estar mais visíveis ao planear um processo participativo com os alunos. O que questões impedem a participação real? Os professores e o pessoal escolar precisam de estar cientes de quê?

PODER

A participação está estreitamente relacionada com a tomada de decisões (que pode ir de um puro apoio a propostas existentes a iniciativas lideradas pelos alunos). Ser capaz de participar na tomada de decisões relaciona-se grandemente com sentir-se capacitado para o fazer. Não se relaciona com a forma de partilha e de acesso ao poder. Compreender o funcionamento das dinâmicas de poder na sua escola e na sua sala de aula é fundamental para explorar as interações diárias, mas também para abrir possibilidades para mudar o funcionamento das coisas.

O poder está grandemente relacionado com hierarquias visíveis e invisíveis. Por exemplo: quem tem mais legitimidade na tomada de decisões? Quem é considerado como tendo mais conhecimento? Quem controla as finanças? Quem define as regras? Quem tem um estatuto social superior ao dos outros? Como diz Nishiyama, K. (2020) «Os professores têm frequentemente — se não sempre — algum nível de poder sobre os alunos. Este poder é, entre outros, administrativo (por exemplo, professores atribuem trabalho aos alunos, reúnem-se com os pais), tem autoridade (os professores têm autoridade em relação ao conhecimento) e é normativo (os professores estabelecem normas de comunicação e comportamentais na sala de aula).» As hierarquias de poder não existem, no entanto, apenas entre os alunos e os professores. Se os professores tiverem mais poder do que os alunos, tradicionalmente no contexto escolar, os diretores escolares têm mais poder do que os professores. Como diz um dos entrevistados do projeto BePart: «Se não ouvirem os professores, como vão ouvir os alunos? Em muitas escolas secundárias, a decisão é tomada pelo diretor ou pelo responsável pelo programa curricular». Tanto os diretores quanto os professores podem ter receio de que, consciente ou inconscientemente, ao perder o controlo na tomada de decisões, percam também o seu poder. Inovar, confiar no processo e abdicar do controlo pode ser assustador. Como veremos neste manual, no contexto de sala de aula (e na vida geral), o poder raramente pode ser completamente neutralizado — as pessoas não se podem tornar iguais arbitrariamente. No entanto, o pode ser dada visibilidade ao poder e os seus efeitos podem ser mitigados através da facilitação consciente da forma como o poder e a hierarquia funcionam e tendo um objetivo de participação genuíno em mente.

Os desequilíbrios de poder também estão presentes entre os alunos (devido ao seu género, estatuto social, pertença a uma maioria ou minoria, etc.). Ter isto em conta é relevante ao planear os processos participativos: certificar-se de que vários métodos e atividades são implementados é importante para garantir a participação de vários tipos de alunos.

DIVERSIDADE

Falar sobre poder é, também, falar sobre diversidade. Citando novamente Nishiyama, K. (2020), «*Se não compreendermos a diversidade, dificilmente compreenderemos a participação. Os jovens não constituem um grupo homogêneo. É mais provável que o seu envolvimento na tomada de decisões seja bem sucedido quando a diversidade das suas circunstâncias, etnia, antecedentes, interesses, capacidades e necessidades são reconhecidos e respeitados. Os jovens são tão diversificados quanto os adultos e o seu acesso aos processos de tomada de decisões é variável (...). Para os jovens, os riscos da exclusão são particularmente pronunciados uma vez que eles se encontram num período transitório das suas vidas em direção à vida adulta, à autonomia e à independência*». Ao refletir na função do facilitador (que, neste projeto, são os professores), criar espaços de participação diversos também significa estar consciente de que a facilitação não é «neutra»: as estruturas sociais e as desigualdades sistêmicas estão constantemente presentes e os facilitadores têm uma função a desempenhar sobre elas. Para acompanhar um processo participativo que seja tão inclusivo quanto possível, é necessário considerar estratégias para mitigar privilégios e opressões presentes no seu grupo e motivar os alunos que ocupam as margens mais frequentemente do que os outros. Que alunos estão colocados nas margens da sala de aula? Quem ocupa o centro e possui mais poder e legitimidade? Tente pensar em estratégias para abordar esta questão.

TEMPO PARA A PARTICIPAÇÃO

Se é dada prioridade à participação nos programas curriculares, os alunos precisam de ser capazes de dedicar tempo a esta finalidade. Criar momentos para atividades participativas fora do horário escolar obrigatório irá reduzir significativamente as taxas de assiduidade, ainda mais se este tipo de encontros estiver agendado para horários de recreio, tão necessários. Embora a participação dos alunos deva ser voluntária, criar espaços onde todos os alunos possam estar presentes livremente é um passo proativo para tornar este tipo de processos mais inclusivos.

FASE INICIAL

Semelhantemente, se os professores e a gestão escolar estiver realmente determinada a envolver os alunos nos processos participativos, a função dos jovens deve ser central logo no início das atividades. Envolver os alunos ativamente numa fase inicial é, muito provavelmente, a única forma de fazer com que eles participem e cocriem realmente o projeto, a estrutura e as atividades do que está a ser planeado. Se a estrutura for desenvolvida de acordo com as perspetivas de outra pessoa, se não forem as suas próprias perspetivas, se lhes for imposto, os jovens irão provavelmente sentir um menor compromisso para com o projeto.

HONESTIDADE, TRANSPARÊNCIA E RESPONSABILIDADE

Tratar os jovens de forma honesta é fundamental para os envolver, especialmente num contexto com desigualdades de poder, como a escola. É necessário clarificar a finalidade do processo para o qual os está a convidar a trabalhar, o nível de influência que terão e as responsabilidades que se espera que assumam.

NECESSIDADES BÁSICAS DOS ALUNOS

Semelhantemente, quais são as prioridades nas vidas dos alunos nas quais pode centrar as atividades? Do que precisam e que não conseguem atingir? O contexto influencia grandemente a participação e cada aluno terá antecedentes bastante diferentes. Enquanto professor que acompanha os alunos nas suas vidas diárias, é provável que tenha uma percepção daquilo que é inacessível para eles, tanto ao nível material (por exemplo, possuem um computador em casa ou precisam que a escola encontre uma forma de lhes permitir utilizar um computador?) quanto ao nível psicológico (por exemplo, existem alunos que sejam frequentemente excluídos do grupo?). Encontrar uma forma de fazer com que os processos participativos se refiram a assuntos que movam os alunos é essencial para garantir que esses processos tenham um impacto nas suas vidas.

BLOQUEIOS À PERMISSÃO PARA PARTICIPAR

Se a participação real é o objetivo deste projeto, precisamos de reconhecer em que áreas da gestão escolar e da vida escolar os alunos têm permissão para participar. Porquê? Porque os alunos são considerados como tendo pouca experiência? Pouco fiáveis? É porque os antigos sistemas escolares funcionaram desta forma durante muito tempo? Que assunções são feitas sobre os alunos? Deve-se ao medo de não se conseguir atingir os resultados esperados? Através do processo participativo, os jovens irão tomar riscos, aprender e encontrar formas de se expressar. Permitir as opções de «falha» ou simplesmente não atingir os resultados que os professores esperavam (ou através do percurso que os professores esperavam) abre possibilidades de aprendizagem e ações criativas.

COMPROMISSO DA GESTÃO ESCOLAR

Conforme explorado nos pontos acima, um compromisso real da gestão escolar e da direção escolar é fundamental para o sucesso dos processos participativos. Se a gestão escolar não assumir um compromisso para com a participação nem assumir a responsabilidade de lhe dar prioridade, poderá ser muito difícil para os professores isolados de planear e implementar estes processos com os alunos. «Dar prioridade» significa atribuir um espaço importante nas tarefas e deveres dos professores, criando métodos recorrentes de trabalho sobre a participação, fomentar a colaboração entre os indivíduos que apoiam estes processos e muito mais.

MOTIVAÇÃO E IMPACTO REAL DA PARTICIPAÇÃO

Uma das formas de apoiar o desenvolvimento do compromisso dos alunos para com o processo participativo é, também, garantir que os jovens veem o efeito da sua participação. Eles devem ver claramente sobre o que a sua participação terá impacto: num orçamento? Em contribuir para o programa curricular da escola? Numa viagem escolar? Assumir responsabilidade e não a considerar como sendo um esforço vão é importante para que os seus alunos tenham uma voz. Muito importante, isto também significa criar um espaço para que os seus alunos vejam valor na participação não a encarando como meras reclamações, mas sim como um espaço onde são levados a sério. Reduzir o nível de abstração e realmente influenciar o que é decidido (e que terá impacto na sua vida escolar) é fundamental para motivar a participação dos alunos.

5. Teste e implementação

5.1. O processo de implementação: que passos?



SESSÃO INICIAL DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

Criação de comunidades

A sessão inicial será organizada pela equipa do projeto de cada escola parceira e colocará os alunos em contacto com o projeto. Um dos maiores objetivos da equipa de professores do projeto é selecionar através de um convite público às comunidades escolares, os alunos que irão participar ativamente no projeto.

As comunidades escolares irão reunir a equipa de alunos que irá trabalhar na implementação e no desenvolvimento de um modelo de participação de jovens na sua escola.

Critérios para selecionar a comunidade

- ✓ A equipa de alunos deve ter um caráter inclusivo e representativo, o que significa que devem ser incluídos alunos de vários contextos sociais, económicos e étnicos, alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos com necessidades especiais, alunos de todos os géneros, etc.
- ✓ Os alunos que participarem devem mostrar um verdadeiro interesse nos objetivos do projeto e declarar que darão o seu melhor para servir as finalidades do projeto.
- ✓ Os alunos devem possuir algum conhecimento tecnológico ou, pelo menos, devem ter vontade de o adquirir, uma vez que terão de produzir vídeos de apresentação, realizar tarefas de marketing online, etc.
- ✓ Os alunos devem cooperar devidamente com os seus professores, membros da equipa do projeto de cada escola.

Depois da formação da comunidade, os alunos irão preparar um processo de seleção dos modelos de participação de jovens mais relevantes para eles.

Critérios para selecionar um modelo de participação de jovens

O modelo deve:

- ✓ ser relevante para o contexto escolar específico
- ✓ abordar um problema escolar real
- ✓ poder ser realmente implementado em termos de gestão de tempo
- ✓ ser alvo de concordância de todos os alunos em relação à sua implementação
- ✓ poder contar com a ajuda de, pelo menos, alguns membros da comunidade escolar, por exemplo, a associação de pais, os departamentos curriculares, a gestão escolar, etc.
- ✓ ser relevante para a idade dos alunos
- ✓ poder contar com vários recursos, por exemplo, do município, das empresas e PME, de diferentes associações e de cidadãos particulares

Motivação e mobilização dos alunos

A comunidade terá de ser mobilizada e desenvolver o seu interesse em trabalhar no projeto.

Formas de mobilizar os alunos

- ✓ os alunos irão participar ativamente na escolha de um modelo de participação de jovens que seja do seu interesse e do interesse da comunidade escolar
- ✓ serão formados no decorrer das atividades do projeto para o aplicar
- ✓ irão viajar para conhecer estudantes de outras escolas para partilhar perspectivas e experiências em relação ao modelo de participação de jovens
- ✓ farão parte de um grupo internacional de alunos que, como eles, está a tentar implementar processos de participação dos jovens nas suas escolas
- ✓ receberão distinções nas suas comunidades escolares e na rede internacional de alunos quando implementarem eficazmente os modelos de participação de jovens escolhidos e os desenvolverem adicionalmente

SESSÃO DE PREPARAÇÃO CONCEÇÃO DAS ATIVIDADES

Conceção e desenvolvimento do plano de ação do modelo de participação de jovens

A equipa de alunos e de professores do projeto irá organizar reuniões em todos os contextos escolares entre os alunos para conceber ações e atividades específicas para implementar os seus modelos de participação de jovens.

Questões a abordar durante a fase de preparação

- ? Qual é o maior problema na nossa comunidade escolar que queremos abordar e quais são os problemas menores que também podem ser abordados com a implementação do modelo de participação de jovens que selecionámos?
- ? Até quando iremos precisar de/planear abordar estes problemas?
- ? Que desafios teremos de ultrapassar?
- ? Como queremos implementar o nosso modelo de participação de jovens e que ações podemos conceber passo a passo?
- ? Que recursos já estão disponíveis?
- ? De que recursos adicionais vamos precisar para sermos bem-sucedidos?
- ? Onde poderemos encontrar esses recursos?
- ? Como podemos tirar o máximo partido dos recursos que encontrarmos?

**SESSÃO DE COOPERAÇÃO
PROCURAR APOIO****Comunidade escolar**

Os alunos irão, então, convidar outras pessoas do contexto escolar para apoiar o seu projeto e cooperar ativamente com eles de modo a poderem mudar a cultura escolar. Irão apresentar-lhes o projeto, os modelos escolhidos e porquê, explicar-lhes o que pretendem descobrir e quais são as necessidades, pedir ajuda, prometer formas de apoiar as finalidades dos parceiros, etc.

Propomos que os alunos convidem a comunidade escolar alargada:

- ✓ Convidar os seus colegas de turma
- ✓ Convidar os representantes dos alunos, ou seja, os conselhos de alunos de cada turma e a escola inteira
- ✓ Convidar vários clubes e grupos escolares
- ✓ Convidar a associação de pais
- ✓ Convidar os departamentos curriculares
- ✓ Convidar o pessoal da gestão escolar e os diretores
- ✓ Convidar a administração e o pessoal auxiliar da escola

Comunidade local

Os alunos irão, então, convidar pessoas e organizações exteriores ao contexto escolar para apoiar o seu projeto e cooperar ativamente com eles de modo a poderem mudar a cultura escolar.

Propomos que os alunos convidem a comunidade local:

- ✓ Convidar os representantes do município que colaboram com as escolas locais
- ✓ Convidar algumas instituições locais que sejam relevantes para os seus objetivos
- ✓ Convidar grandes empresas e PME (pequenas e médias empresas) que se dedicam ao objetivo da responsabilidade social
- ✓ Convidar o Ministério da Educação e/ou o Instituto de Pedagogia e outros órgãos, se relevante

SESSÃO DE IMPLEMENTAÇÃO PLANEAMENTO E MONITORIZAÇÃO DA AÇÃO

Implementação e monitorização do plano de ação

Os alunos precisam de selecionar uma equipa mais pequena que será responsável por acompanhar e monitorizar as atividades do projeto («Quem faz o quê e quando?») e comunicá-lo em todas as reuniões da equipa. Esta equipa de monitorização irá funcionar desde o início do projeto e irá seguir todas as atividades de forma horizontal.

Propomos que os pilares da monitorização sejam:

- ? Quem é responsável pela ação?
- ? Qual é o objetivo desta ação?
- ? Qual é o prazo de conclusão?
- ? Quais serão exatamente as atividades a implementar?
- ? Quais serão as regras básicas a seguir?
- ? Quais serão os obstáculos a ultrapassar?
- ? Que processos de monitorização serão mais eficazes?

Avaliação

Os alunos precisam de selecionar uma equipa mais pequena que será responsável por acompanhar e avaliar as atividades do projeto, propor mudanças possíveis ou ações corretivas à equipa e ajudar a equipa a compreender onde se encontra e o que fazer para atingir os seus objetivos. Esta equipa de avaliação irá funcionar desde o início do projeto e irá seguir todas as atividades de forma horizontal.

CrITÉRIOS de avaliação

Propomos que os critérios de avaliação das atividades do projeto sigam o modelo SMART. Cada objetivo definido pelos alunos deve ter estas cinco características para garantir que o mesmo pode ser atingido e beneficiar a comunidade escolar:

- ✓ S «Specific» — Específico
- ✓ M «Measurable» — Mensurável
- ✓ A «Attainable» — Atingível
- ✓ R «Relevant» — Relevante
- ✓ T «Time-bound» — Definido no tempo

Ferramentas de avaliação

Propomos que as ferramentas de avaliação sejam selecionadas entre as seguintes opções:

- ✓ Questionários
- ✓ *Focus groups*
- ✓ Entrevistas
- ✓ Sessões de observação

Medição do impacto

Os alunos também precisam de medir o impacto que o seu projeto tem sobre os indivíduos, sobre a comunidade escolar e, possivelmente, sobre a comunidade local.

Questões para medir o impacto:

- ? O objetivo previsto do nosso modelo de participação de jovens foi atingido? O que é necessário para o atingir?
- ? O modelo implementado desenvolveu as nossas competências transversais? (isto é, resolução de problemas, pensamento criativo, trabalho em equipa, tomada de decisões, competências intrapessoais, competências interpessoais, competências de comunicação, capacidades de liderança, entre outras)?
- ? A nossa equipa está satisfeita com o resultado?
- ? A comunidade escolar e a comunidade alargada estão satisfeitas?
- ? Este é um modelo de qualidade que pode ser adaptado e adotado por outras escolas com contextos diferentes?

Versatilidade do modelo

É importante que o projeto verifique se o modelo de participação de jovens escolhido pela equipa de alunos é aplicável a várias escolas ou a contextos jovens diferentes, isto é, uma equipa desportiva, um grupo de teatro, um grupo de educação mais pequeno, etc. Pode também ser medido quanto à sua capacidade de ser adaptado a outros grupos de pessoas, adultos, crianças mais pequenas, etc.

Questões para medir a versatilidade do modelo:

- ? O nosso modelo de participação de jovens pode ser utilizado por outros grupos de pessoas?
- ? Que mudanças podem ser feitas para o adaptar a novos contextos?
- ? Como podemos cooperar com grupos diferentes que pretendam utilizar o nosso modelo de participação de jovens?
- ? Como podemos medir os resultados e os efeitos desta nova implementação e adaptação?

5.2. Responsabilidades dos alunos e professores



Responsabilidades do professor

Os professores terão acesso ao manual do BePart, o qual contém uma descrição de um conjunto de 28 modelos de participação de jovens e irão fazer uma primeira seleção de modelos de participação de jovens (pelo menos, 10) que considerem ser interessantes ou importantes para o desenvolvimento da sua escola, tendo em consideração as características e os recursos da escola.

Os professores irão selecionar um grupo de alunos, a «Comunidade», que irão aplicar os processos participativos numa fase inicial, liderando o projeto BePart do lado dos alunos e, gradualmente, envolvendo mais alunos nas respetivas atividades.

Os professores irão criar espaços adequados na escola para apresentação e discussão dos modelos de participação de jovens com os alunos selecionados.

A partir dos modelos selecionados pelos professores, os alunos irão selecionar dois modelos de participação de jovens que gostariam de implementar. Os professores irão agir enquanto facilitadores, ajudando os alunos a fazer a sua seleção, mas sem interferir com o seu processo de tomada de decisão.

Os professores e os alunos, com base no processo de co-criação, irão criar planos de ação dos modelos de participação de jovens e documentação que oriente a implementação dos modelos de participação de jovens. Os alunos serão os principais responsáveis pela implementação dos modelos de participação de jovens, com os professores a assumirem a função de facilitadores.

Os professores irão mobilizar os alunos selecionados e promover o seu envolvimento na implementação e teste dos modelos de participação de jovens nas suas escolas.

Os alunos irão desenvolver vários guias para implementação dos modelos de participação de jovens, como uma estratégia e ferramenta para apoiar a adoção e implementação dos modelos de participação de jovens noutras turmas ou escolas aos níveis nacional e europeu.

Os alunos e os professores irão preparar eventos em pequena escala e os alunos irão participar em intercâmbios internacionais nos dois anos do projeto.

Responsabilidades dos alunos

5.3. Exemplo: como selecionar um modelo de participação dos jovens?

Não existe um supermodelo de participação de jovens, sem fraquezas ou limitações. Por isso, para selecionar um modelo de participação de jovens, os professores e os alunos poderão começar por refletir sobre questões como as seguintes:

- ? Qual é a finalidade do plano de ação? Quais são as preocupações dos alunos sobre a vida escolar?
- ? Que contribuição pretende fazer?
- ? Que oportunidades podem ser construídas para permitir aos alunos desempenhar um papel ativo na formulação dos objetivos?

Definir a finalidade da iniciativa participativa.

- ? De que forma irão os alunos contribuir?
- ? Que processos poderão eliminar assunções limitadoras sobre a capacidade dos alunos?
- ? Que métodos serão utilizados para convidar as várias perspetivas dos participantes?
- ? Que perspetivas e vozes serão incluídas, excluídas ou privilegiadas no programa?

Posicionar todos os participantes como contribuintes e garantir que os alunos têm um papel ativo em cada fase do projeto, incluindo a fase de avaliação.

- ? De que forma são as funções e as responsabilidades atribuídas, adotadas e promovidas no programa?
- ? De que forma são geridas as relações para garantir que a equidade e o respeito é promovido junto de todas as partes?
- ? De que forma é que as relações e estruturas de poder e os ambientes físicos e sociais circundantes impactam as possibilidades de envolvimento?

Reconhecer que o poder é relacional e que os participantes com conhecimentos são posicionados em relação uns aos outros.

- ? Como podem os jovens desempenhar um papel ativo ao garantir a segurança dos seus pares e das pessoas abrangidas pelos planos de ação?

Reconhecer que a participação é um «direito» que precisa de ser protegido.

- ? Quais são os espaços sociais, físicos e virtuais nos quais pode ocorrer a participação?
- ? De que forma é que o local e o contexto afetam os resultados possíveis ou desejáveis da participação?
- ? O que medeia o acesso a espaços e locais particulares?
- ? Que estratégias podem ser necessárias para criar e permitir o acesso a espaços de participação?

Chamar a atenção para a natureza física e relacional do espaço participativo.

Depois deste exercício, observe o esquema de tomada de decisões, disponível nas páginas 12 e 13 do manual «Modelos de participação de jovens» e tente selecionar um conjunto de modelos. Os professores irão explicar esses modelos e simplificá-los para os alunos. Os alunos irão analisar os exemplos práticos desses modelos e selecionar dois modelos.

Em seguida, verifique se:

- ✓ Os modelos de participação de jovens estão em linha com as finalidades de participação e se são capazes de responder ao problema identificado.
- ✓ É fácil relacionar os modelos de participação de jovens selecionados com os percursos de vida individuais dos jovens.
- ✓ As atividades e as tarefas previstas na finalidade da iniciativa participativa (consideradas significativas e capacitadoras pelos alunos e professores) podem ser ajustadas aos modelos de participação de jovens selecionados (atividades e tarefas desafiantes são responsáveis por intervenções participativas de sucesso, uma vez que podem ser adaptadas a diferentes modelos).

Em suma, a escolha de um modelo de participação de jovens deve ser feita em resposta à finalidade, ao contexto, aos participantes e às atividades e tarefas. Torna-se claro que quando mais inovadores e alternativos forem os contextos participativos, as atividades e as tarefas, mais elevados serão os níveis de participação esperados.

Vamos exemplificar brevemente.

Exemplo 1: O modelo yin-yang da participação dos jovens (The Yin-yang Model of Youth Participation) — Shier et al., 2012

Este modelo de participação de jovens pode ser selecionado se o foco da participação dos jovens for a defesa com sucesso de causas políticas. No contexto do debate entre professores e alunos sobre a implementação do modelo do projeto, recomendamos:

- 1 Explorar os oito conceitos principais do modelo para ajudar a desenvolver a análise da proposta.
- 2 Responder às quatro questões principais que orientam este modelo:
 - ? Quais são os principais problemas enfrentados pelas crianças e jovens que procuram influenciar a ordem pública?
 - ? Que condições prévias aumentam as oportunidades das crianças e dos jovens de influenciar políticas?
 - ? Que espaços ou formas de organização ajudam as crianças e os jovens a influenciar políticas?
 - ? Que métodos e abordagens dos apoiantes adultos/facilitadores aumentam a influência das crianças e dos jovens sobre os decisores políticos?
- 3 Avaliar as condições dos alunos para influenciar os responsáveis políticos em relação:
 - ✓ Ao seu conhecimento e capacidades.
 - ✓ Aos interesses dos alunos nas propostas defendidas e na organização para atingir a mudança.

- ✓ À abertura para a urgência de uma liderança autônoma do grupo para reduzir a sua dependência de professores ou outros adultos (é normal que os jovens sintam que os líderes jovens com boas capacidades de organização e competências de comunicação tenham um papel importante a desempenhar para levar adiante as ideias e propostas dos alunos e influenciar os responsáveis políticos).

4

Identificar estratégias para influenciar a ordem pública, como:

- ✓ Participar diretamente num órgão de formulação de políticas.
- ✓ Desempenhar funções de aconselhamento ou consultoria para responsáveis políticos.
- ✓ Reunir-se presencialmente com responsáveis políticos, ser ouvido e levado a sério.
- ✓ Mobilizar um grande volume de opiniões para pressionar os responsáveis políticos.
- ✓ Utilizar eficazmente os meios de comunicação para conferir força adicional às suas perspectivas.
- ✓ Pôr em prática uma estratégia de acompanhamento adequada para garantir a monitorização dos compromissos das autoridades e, se necessário, exigir que sejam elaborados acordos.

5

Destacar as atividades significativas a ser desenvolvidas pelos alunos, operacionalizando as estratégias como:

- ✓ Participar na elaboração de um novo plano municipal de desenvolvimento da educação.
- ✓ Desenvolver campanhas para aumentar o investimento dos alunos no seu município, nas quais as propostas dos alunos estejam substancialmente refletidas nos orçamentos municipais subsequentes.
- ✓ Criar uma agenda municipal para os alunos e fazer com que a assembleia municipal a adote.
- ✓ Participar em fóruns municipais de crianças e em assembleias públicas.
- ✓ Promover marchas, petições e outros tipos de atividades semelhantes.
- ✓ Conseguir uma garantia de compromisso político sobre as propostas dos alunos em documentos oficiais.
- ✓ Obter apoio de organizações da comunidade (por exemplo, ONG que abordem os direitos humanos para apoiar os alunos a apresentar eficazmente as suas exigências e propostas aos responsáveis políticos; estas organizações, em conjunto com a escola, podem desempenhar um papel fundamental na preparação, facilitação e acompanhamento dos processos de advocacia implementados pelos alunos); alianças entre as autoridades locais e a sociedade civil como um dos fatores mais importantes que facilitam o sucesso da advocacia dos alunos.
- ✓ Integrar redes de voluntários para a educação de comunidades jovens.
- ✓ Convidar os responsáveis políticos para participar nos fóruns e assembleias de alunos.

6

Oferecer recursos de apoio aos alunos para que se possam preparar e dirigir aos responsáveis políticos com confiança e seguros do seu conhecimento sobre os vários assuntos:

- ✓ Disponibilizar um espaço físico onde os alunos tomem decisões, concordam quanto a planos de atividades e resolvem problemas.
- ✓ Disponibilizar equipamentos e tecnologias digitais.
- ✓ Oferecer sessões de formação (se os alunos pensarem que precisam de desenvolver competências de comunicação para serem capazes de apresentar propostas e defender as suas posições). Essas sessões podem envolver professores e/ou pessoal de ONG comunitárias ou, até mesmo, voluntários jovens formados.

Exemplo 2: modelo yMIND (yMIND Model) — União Europeia, 2016

Este modelo de participação de jovens pode ser selecionado se o foco da participação for a diversidade da educação para uma maior inclusão social de alunos desfavorecidos (inclusão comunitária e social, nomeadamente ambientes de aprendizagem coesos e inclusivos) para promover a aceitação e o respeito de diferenças. No espaços escolares adequados para o debate entre professores e alunos sobre a implementação do modelo do projeto, recomendamos:

1

Explorar o modelo com os alunos, apresentando resumida, mas claramente o que se espera com a participação dos alunos e os temas principais (compreender a diversidade, respeitar as diferenças, promover a igualdade de género, prevenir a violência com base no género, prevenir o *bullying* e a discriminação).

2

Explorar com os alunos que temas (diversidade, igualdade de género ou *bullying*) são particularmente relevantes para eles de modo a implementá-los através de atividades como:

- ✓ Técnicas gráficas/criativas: com revistas que mostrem os sentimentos de pessoas discriminadas/vítimas de *bullying* e de pessoas que discriminem/pratiquem *bullying*; criação de imagens: «um mundo de diversidade»; criação de cartazes: «a minha superescola», «a minha turma sensível à diversidade», «a minha comunidade sensível à questão do género»; criação de mensagens dirigidas aos adultos.
- ✓ Técnicas de criatividade visual: fotografia/voz — criação de fotografias sobre os temas, com associações e mensagens das crianças relacionadas com a diversidade, igualdade de género, prevenção da discriminação, racismo e violência.
- ✓ Técnicas de trabalho de grupo interativo: vários exercícios/atividades que promovam o autoconhecimento e o conhecimento do grupo, um clima de grupo positivo, empatia, confiança em si e nos outros.
- ✓ Um conjunto de questões exploratórias para estimular e orientar o trabalho individual e de grupo dos participantes.

3

Verificar se o programa curricular da escola já prevê um «espaço temático» ou se existe algum assunto especial (por exemplo, foco em competências transversais) que possa ser utilizado como ponto de partida.

4

Oferecer apoio aos alunos na preparação de *workshops* de prevenção e de desenvolvimento de competências com a escola:

- ✓ Disponibilizar um espaço físico adequado aos alunos.
- ✓ Disponibilizar equipamentos, tecnologias digitais ou outros recursos materiais.
- ✓ Sugerir definir a função de cada aluno e a forma como as tarefas estarão relacionadas.

5

Oferecer apoio aos alunos no desenvolvimento de *workshops* de prevenção e de desenvolvimento de competências com a escola:

- ✓ Permitir a participação ativa.
- ✓ Incentivar o recurso a métodos criativos (métodos de dramaturgia, dinâmicas de grupo, tarefas interativas, etc.) para a prevenção e gestão.
- ✓ Estabelecer as atividades que podem ser combinadas de forma flexível e, se possível, induzir os alunos a fazerem experiências com as mesmas.

Os professores devem lembrar os alunos que o seu envolvimento inclui a avaliação da implementação do modelo de participação de jovens para ser possível efetuar melhorias ao segundo ano letivo do projeto. Os professores atuam enquanto facilitadores na promoção de uma sessão onde os alunos refletem sobre as forças e fraquezas das primeiras implementações do modelo de participação de jovens. Esta questão voltará a ser abordada na secção 6 — monitorização e avaliação.

6. Comunicação e eventos

6.1. Canais e ferramentas de comunicação para comunicar com o grupo-alvo

No projeto BePart, existem dois canais de comunicação: o website do projeto e a conta de Instagram, que se destinam aos públicos-alvo: professores e alunos, respetivamente.

Website do projeto

O website é o canal de comunicação privilegiado para disseminar o projeto, nomeadamente os produtos, ferramentas e notícias dirigidos principalmente aos professores. Aqui, o desenvolvimento e as conquistas do projeto podem ser monitorizadas e os alunos podem ser envolvidos, explorando o website com os professores.



www.bepart-project.eu

Conta de Instagram

Por outro lado, para as comunicações destinadas aos jovens, o projeto irá utilizar o Instagram como estratégia de redes sociais para alcançar jovens entre os 13 e os 15 anos de idade, dado que é a rede social na qual este grupo etário está mais presente e representado. Esta é uma rede social muito dinâmica porque irá permitir que os jovens se envolvam de várias formas (através de fotografias, vídeos, questionários, sondagens, *stories*) ao acederem aos conteúdos do projeto.

Como iremos otimizar a conta de Instagram?

- ✓ Será apresentado um plano desenvolvido pela parceria, onde serão atribuídos períodos às quatro escolas do consórcio ao longo do ano letivo, nos quais serão responsáveis por gerir a conta de Instagram (*takeovers*);
- ✓ Cada período durará cerca de duas semanas;
- ✓ O direito às imagens publicadas neste canal será salvaguardado;
- ✓ Em cada escola selecionada, um professor será designado de coordenador, sendo o único responsável pelos dados de início de sessão.

Qual é a função do professor coordenador?

O professor terá de solicitar «autorizações e consentimentos menores para utilizar fotografias ou imagens» aos pais dos alunos envolvidos na implementação do modelo de participação de jovens (documento fornecido pelo consórcio do projeto). Se os pais não autorizarem a partilha das imagens dos filhos, estes não serão excluídos da participação do projeto, tendo outras funções a desempenhar.

O professor coordenador terá de se reunir com os alunos envolvidos na implementação do modelo de participação de jovens para lhes explicar a forma como a conta de Instagram será utilizada. Algumas sugestões:

- ✓ Os alunos podem recolher imagens ou pequenos vídeos (até 30 segundos) sobre atividades, dinâmicas, recursos ou materiais que considerem relevantes para o projeto;
- ✓ Esta recolha será posteriormente apresentada a toda a turma e, juntamente com o professor, irão selecionar a informação a colocar online redigir as respetivas legendas;
- ✓ As publicações podem ter vários objetivos, nomeadamente, disseminar atividades a ser realizadas, atividades já desenvolvidas, reflexões sobre vários assuntos do projeto através de sondagens ou questionários nas *instastories*, etc.
- ✓ Embora a comunicação seja realizada principalmente em inglês, sugerimos que as publicações sejam feitas em inglês e na língua nacional dos jovens, como forma de identificar o grupo responsável pela atividade;
- ✓ Não existe um limite ao número de publicações por escola, mas estes devem ser tão apelativos e atrativos quanto possível;
- ✓ As publicações devem ser sempre acompanhadas pelas *hashtags* do projeto, o que irá permitir um maior alcance das publicações:

#erasmus+ #youthparticipation #bepart
#projectbasedlearning #youthdevelopment

As redes sociais vivem do momento, de uma alimentação constante de notícias e publicações, pelo que é importante fazê-los com alguma periodicidade. Neste sentido, para além das escolas, a rede social será gerida em simultâneo pelo coordenador do projeto.

«O Instagram foca-se na partilha de fotografias. É uma plataforma móvel, o que significa que pode publicar fotografias diretamente a partir da aplicação instalada no seu telemóvel ou tablet e não a partir do computador. É a plataforma mais utilizada para partilha de fotografias em movimento! O Instagram pode ser facilmente associado ao Facebook e as escolas estão a utilizar ambas as plataformas para expandir a sua audiência, alcançando tanto os pais quanto os alunos, uma vez que cada uma das plataformas tende a atrair um grupo etário diferente. Lembre-se, uma imagem vale mais do que mil palavras. Com o Instagram, pode fazer mais do que simplesmente dizer aos seus seguidores o quão incrível é a sua escola — pode mostrar-lhes isso mesmo».

(Anna Nolan, Diretora de redes sociais, 2018)

6.2. Eventos BePart

O consórcio está a acompanhar estreitamente a evolução da situação e irá adotar todas as medidas adicionais que se possam vir a tornar necessárias.

O projeto BePart possui três tipos de eventos: eventos de pequena escala preparados pelos alunos que participarem ativamente no projeto; intercâmbios internacionais de alunos e uma conferência final do projeto.

Eventos de pequena escala

Em cada fase de implementação, serão realizados eventos para apresentar e partilhar os resultados da experiência do projeto e as ferramentas utilizadas com os outros.

O que é esperado dos professores e dos alunos?

- ✓ Os alunos precisam de preparar e promover três tipos de eventos de pequena escala para apresentar e partilhar a sua experiência com os outros alunos, professores e/ou escolas;
- ✓ Os professores irão apoiar os alunos durante os eventos;
- ✓ No final de cada evento de pequena escala, os alunos, com o apoio dos professores, irão desenvolver um relatório com as atividades/iniciativas/eventos promovidos em cada uma das fases.

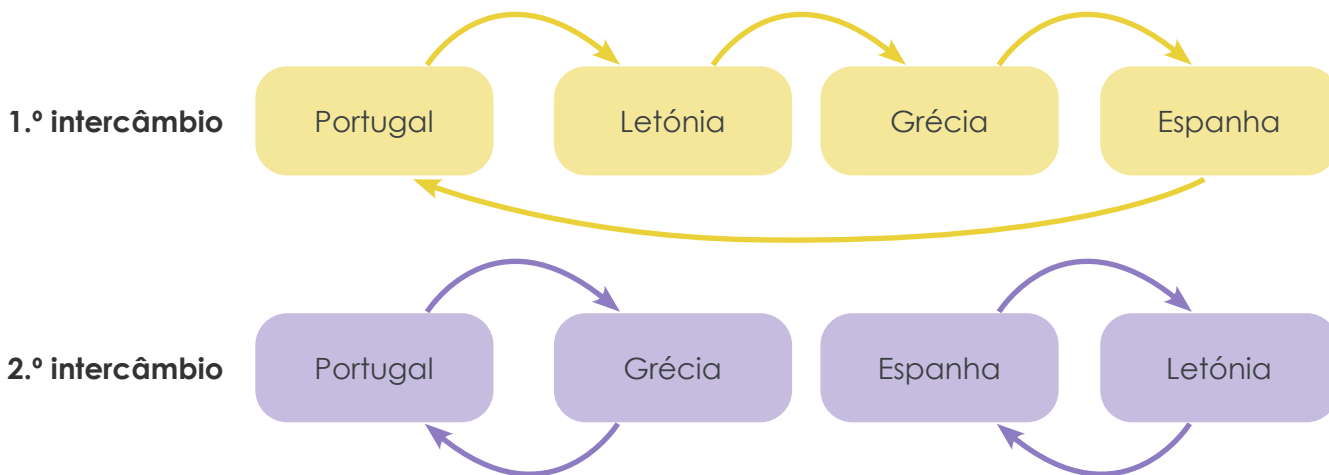
Evento	Descrição	Edições	Participantes envolvidos
1.º tipo	Apresentação da iniciativa aos restantes professores e alunos da mesma escola; a ser promovido nas escolas da parceria.	11/2020 — 01/2021 11/2021 — 01/2022	Dezasseis participantes da escola, incluindo professores e alunos (em cada evento).
2.º tipo	Apresentação dos resultados do projeto e das ferramentas utilizadas aos professores e alunos de outras escolas da região/do país.	02/2021 — 04/2021 02/2022 — 04/2022	Doze participantes de outras escolas, incluindo professores e alunos (em cada evento).
3.º tipo	Apresentação dos resultados do projeto e das ferramentas utilizadas aos professores e alunos da mesma escola, e também de outras escolas.	06/2021 — 08/2021 06/2022 — 08/2022	Vinte participantes, incluindo professores e alunos da mesma escola e de outras escolas (por evento)

Intercâmbio internacional de alunos

O projeto prevê um intercâmbio por fase e por escola, com dois alunos e um professor. Prevê-se que estas viagens ocorram após a primeira e a segunda fases de implementação, nomeadamente, em setembro de 2021 e em setembro de 2022, permitindo aos alunos partilhar as suas experiências anteriores com a implementação dos modelos de participação dos jovens.

Aqui estão algumas informações e recomendações que poderá achar úteis para partilhar com os alunos:

- ✓ Terão a oportunidade de visitar outra escola da parceria (na Grécia, Letónia, Portugal e Espanha) para trocar experiências e perspetivas sobre a implementação dos modelos de participação de jovens;
- ✓ Poderão desfrutar da experiência de viajar e de conhecer novos lugares, culturas, pessoas e experiências;
- ✓ Poderão ter motivações pessoais, académicas ou profissionais para realizar o intercâmbio, mas tente manter-se interativo e interagir com os outros para disfrutar ao máximo desta experiência;
- ✓ Não pode participar em ambos os intercâmbios;
- ✓ A viagem terá uma duração de 3-5 dias;
- ✓ No final, será necessário entregar um relatório onde são identificados os principais resultados do intercâmbio.



Deixemo-nos inspirar por outras experiências de intercâmbios internacionais:

«O Erasmus+ faz um grande trabalho na promoção da abertura e da compreensão mútua. A melhor forma de desafiar preconceitos ou fazer as pessoas compreenderem os outros é quando existe a oportunidade de se conhecerem ou de cooperarem em conjunto para atingirem o mesmo objetivo.»

«As pessoas que viajam descobrem outras culturas para si mesmas e apreciam a diversidade. Isto é algo que não se aprende na televisão.»

«O Erasmus+ não só abriu a minha mente, como também me permitiu assumir a responsabilidade pelas minhas capacidades e construir relações de confiança em várias nações pelo meu trabalho árduo e dedicação.»

7. Monitorização e avaliação

7.1. Como monitorizar a segunda edição?

A implementação do primeiro ano das atividades participativas do BePart será avaliada através de:

- ✓ *Focus groups* com os alunos participantes — Para falar não apenas das experiências recompensadoras do processo de implementação, mas também das dificuldades sentidas e das estratégias utilizadas para as ultrapassar.
- ✓ *Focus groups* com os professores que ajudaram a facilitar os processos — Convidá-los a avaliar a experiência, a registá-la na sua carreira profissional; para identificar as forças e as fraquezas do processo de implementação; para explorar a sua perceção sobre as experiências dos alunos e o seu nível de compromisso para com o projeto.
- ✓ Entrevistas com os responsáveis políticos das autoridades locais e nas organizações da comunidade, se aplicável — Para confirmar que as decisões foram influenciadas pelas propostas dos alunos; para identificar os benefícios da sua participação; para prever a sua sensibilidade em relação aos resultados e à continuidade do projeto.
- ✓ Um seminário aberto que junta alunos, professores, a gestão escolar e agentes da comunidade — Para apresentar os resultados do primeiro ano da implementação do modelo de participação de jovens; para, em conjunto, formular conclusões e recomendações; para convidar outros alunos a participarem no projeto no ano seguinte.

Todas estas contribuições apoiarão uma análise SWOT, que será realizada pelos professores e alunos e, em seguida, partilhada com as escolas parceiras do projeto.

7.2. Modelo para orientar os professores na avaliação da implementação

As forças e as oportunidades permitem-nos identificar as melhores práticas/condições externas a replicar/promover no segundo ano letivo do projeto. As forças e as fraquezas irão gerar soluções possíveis para ultrapassar problemas e mudar aquilo que não funcionou.

Para preencher esta matriz, considere as seguintes sugestões para cada parte da grelha:

Forças: Todas as condições internas e características que distinguem a instituição.

- ? O que foi bem feito em relação à participação dos jovens?
- ? Que recursos únicos pode enumerar?
- ? O que é que os outros veem como forças?

Fraquezas: Tudo aquilo que pode ser melhorado e os tipos de práticas (recursos, sistemas e procedimentos) que devem ser evitados.

- ? O que pode ser melhorado?
- ? Em que momentos é que a implementação do projeto teve menos recursos à sua disposição?
- ? O que é que os outros poderão ver como fraquezas?

Oportunidades: As oportunidades são aberturas ou hipóteses para que algo positivo aconteça e, normalmente, surgem a partir de situações contextuais/externas, que requerem uma perspetiva sobre o que poderá acontecer no futuro.

- ? Que oportunidades estão abertas ao projeto?
- ? De que tendências pode tirar partido?

Ameaças: As ameaças incluem tudo o que possa afetar negativamente o projeto a partir do exterior.

- ? Que ameaças podem colocar o projeto em risco?
- ? O que está a ser feito pela concorrência?

Forças:	Provas:
Fraquezas:	Provas:
	Propostas de melhoria:
Oportunidades:	Provas:
Ameaças:	Provas:

8. Bibliografia



(1) Nishiyama, K., Wendy, R., & Pierrick, C. (2020). Facilitation of deliberation in the classroom: The interplay of facilitative technique and design to increase inclusiveness. [https://www.governanceinstitute.edu.au/magma/media/upload/ckeditor/files/\[Centre\]%20WP-2020-03-v3\(1\).pdf](https://www.governanceinstitute.edu.au/magma/media/upload/ckeditor/files/[Centre]%20WP-2020-03-v3(1).pdf)



(2) Klöcker, S. (2009). Manual for facilitators in non-formal education involved in preparing and delivering the programme of study sessions at European youth centres. Council of Europe. <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016807023d1>



(3) Senabre, E. (2015). White Paper: Methodologies of open co-creation around digital culture. Europeana Pro, Platoniq.net. https://www.academia.edu/21042451/Methodologies_of_open_co_creation_around_digital_culture



(4) Farthing, R. (2012). Why Youth Participation? Some Justifications and Critiques of Youth Participation Using New Labour's Youth Policies as a Case Study. https://www.youthandpolicy.org/wp-content/uploads/2017/06/farthing_why_youth_participation.pdf



(5) Farrow, A. (2018). Youth Participation: closer to the edge of participation and activism. SALTO Think Tank on Youth Participation. https://www.salto-youth.net/downloads/4-17-3830/Raport_210x210mm_sm.pdf



(6) Consejo de la Juventud de España. (2001). Guía didáctica de educación para la participación. <http://www.injuve.es/sites/default/files/guiaeducacionparalaparticipacion1.pdf>



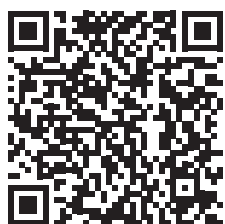
(7) Eduthink.21. (2017). EDUTHINK.21's project-based learning model: from theory to practice <https://www.eduthink21.com/eduthink21s-project-based-learning-model-from-theory-to-practice/>



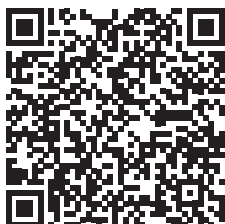
(8) Chodasz A. & Cykowski P. (2013). Youth Participation. Fundacja Rozwoju "Dobre Życie". <http://www.dobrezycie.org/en/publications/youth-participation>



(9) Francis, Erik M. (2018). Why Must It Be Doing Projects vs. Project-Based Learning? Why Not. Maverik Education. <https://maverikeducation.com/blog/f/why-must-it-be-doing-projects-vs-project-based-learning-why-not>



(10) Erasmus+ Stories. (2018). From Erasmus to Erasmus+, a story of 30 years. https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/anniversary/all-stories_en



(11) Frey, C. (2010). Creativity is at the heart of 21st century work, says Dan Pink. Innovation Management. <https://innovationmanagement.se/2010/02/22/creativity-is-at-the-heart-of-21st-century-work-says-dan-pink/>



(12) Pink, D. (2011). A curriculum should be as messy as the real world. <https://www.ibo.org/ib-world-archive/may-2011-issue-62/a-curriculum-should-be-as-messy-as-the-real-world/>



(13) Robinson, K. (2006, February). Do schools kill creativity? https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?language=en



(14) MindShift. (2015). Sir Ken Robinson: Creativity Is In Everything, Especially Teaching. <https://www.kqed.org/mindshift/40217/sir-ken-robinson-creativity-is-in-everything-especially-teaching>

- (15) Robinson, K., & Aronica, L. (2015). Creative schools: Revolutionizing education from the ground up. Penguin UK.
- (16) Cropley, A. (2014). Neglect of creativity in education: A moral issue. In The ethics of creativity (pp. 250-264). Palgrave Macmillan, London.
- (17) Skiada M. & Georgiadou I. (2019). Applying the "Project Method" in Second Language (L2) Teaching a Multidimensional Interaction with Authentic Input in Autonomous Modes, International Conference Innovation in Language Learning, Florence, 13-15/11/19
- (18) Thomas, N. & Percy-Smith, B. (2010). A Handbook of Children's Participation: perspectives from Theory and Practice, London: Routledge.
- (19) Arnstein, S. R. (1969). A ladder of citizen participation. Journal of the American Institute of planners, 35(4), 216-224.
- (20) Collins English Dictionary. (1991).



www.bepart-project.eu

Cofinanciado pelo
Programa Erasmus+
da União Europeia

